



Visado pela
Comissão de Censura



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XII • N.º 293 • PREÇO 1800

Cantinho dos Padres da Rua

Não há muito que nos apareceu aqui em casa alguém com uma carta na mão, arlitivamente. Trabalhava-se de uma viúva com dois filhos, um dos quais havia sido internado em um hospital e ela, a pobre, era intimada a ir por ele; não que estivesse bom, mas sim por ter terminado o prazo de responsabilidade—como ali se dizia. Continuando, lê-se um bocadinho mais além—*deve sem demora ir tomar conta dele, pois de contrário e segundo o que nos é comunicado por aquela Casa de Saúde, será posto na rua a partir de trinta e um do corrente.*

A intimada estava na minha presença como quem traz uma grande dor, em lugar de uma grande queixa. Ela não sabe mesmo queixar-se. Não conhece os seus direitos. Com muita dignidade, declara-me que não tem dinheiro para ir buscar o filho nem meios para o sustentar, além do perigo iminente e permanente que ele era antes de ir para o hospital e hoje é, pois que não está curado!

Meus queridos padres; uma vez que estas notícias vêm dar à nossa mão, nos temos de subverter tempos e coisas e tomar atitudes dolorosas a bem destes desgraçados. Uma atitude é uma força. Esta, não pode nem deve ser nossa, mas sim somente de Quem espera de nós o bom combate. Ele é o nosso Advogado. Nele estamos firmes. É justamente por essa razão que nós, meus caros padres, combatendo, jamais perderemos a união interior: de que necessitamos para chegarmos ao fim.

Aquele *será posto na rua*, seria um caso de polícia se não fosse a manifestação de uma doença da época. Falta sangue nos baptizados!

Para consolação dos nossos leitores, devo declarar que o doente em questão terá um leito enquanto estiver doente. Não foi preciso subir o último degrau da hierarquia administrativa. O Porto atendeu-nos.

Ao que parece, foi por falta de dinheiro que o doente teria sido posto na rua, se César não estivesse em Roma, e é para este ponto que eu desejo chamar a vossa atenção. Nós somos uma Obra de Assistência. Temos já uma data de casas abertas e povoadas. Não sabemos se mais, nem como, nem quando, nem onde, mas todas elas estão postas entre os homens para exercer obras de misericórdia. Sejam quais forem os tempos ou circunstâncias, nunca nenhum de vós pense, diga ou escreva aquela frase. Os Santos nunca a disseram. O Mestre nunca a ensinou.

O nosso convívio e anos de existência, tem sido base e argumento da vossa crença no impossível. O medo deve ser banido absolutamente dos nossos arraiais.

Nunca mandar ninguém embora por falta de dinheiro. Nunca deixar de receber quem quer que seja, com medo do dinheiro. Aqui há tempos, senti este medo e disseram-me que não, quando pedia um leito em uma casa religiosa aonde a burocracia entrou. Os fundadores destas, não ganharam as esporas nem foram canonizados por terem falado assim. E quando eu protestei, disseram-me: *os tempos agora são outros.* Meus padres; não acrediteis nestas frases cómodas e ligeiras. Não são os tempos que fazem o santo; é antes este que faz os tempos.

O dinheiro é um engano. Esta palavra é eterna. Vós sois testemunhas de quão variados e incertos não têm sido os subsídios oficiais. Dizei-me: tem-nos feito falta aquilo que nos tiram? Acaso ficamos mais ricos com aquilo que nos dão? Não é verdade que temos continuado, por m' ser córdia de Deus, insensíveis e inacesíveis? Pois temos, e assim havemos de continuar. O que é preciso é fazer sempre mais e melhor. Tratar sempre mais e melhor. Sofrer sempre mais e melhor. O resto vem por acréscimo.



Aqui, LISBOA!

Com duas casas entregues há pouco na Abilheira e mais duas entregues agora em Pintéus, temos actualmente, no Tojal, 14 casas do Património. Estão remediados os casos mais urgentes e podemos até propor à Autoridades de Lisboa, que nos remetam todos os filhos do Tojal, que encontrem nas barracas das curraleiras da Capital. Se todas as freguesias do País pudessem dizer o mesmo, estaria reduzida em setenta por cento, a miséria dos vales escuros, de que tanto mal temos dito.

Ninguém se faz amofinado com a nossa linguagem, pois o nosso único desejo é chamar as atenções para um flagelo que há muito devia ter sido encarado. Tanto temos repisado o problema, nestes sete anos, que a Câmara bem podia ter cortado relações; mas não o fez. Apenas reduziu em mil escudos o subsídio anual. Muito bons são aqueles Senhores. No lugar deles eu não dava nada...

Programa da Festa no Coliseu EM 2 DE JUNHO

Consta de duas partes. Mal correr o pano, um padre da rua empolga por uns minutos. Imediatamente a seguir, entra o grosso da companhia de entre a qual se destaca o já famoso orfeão do Sejaquim com o Eco, a três vozes. Além deste, temos mais sete números que hão-de dar eco. Por entre a voz dos cantores, aparecem os das oficinas, roupeiros, os do Sejaquim, o dos porcos com sua licença, os das vacas, os do campo, os vendedores, os refeiteiros, o da borra, o das capoeiras, os das casas, os cicerones. Um do Lar do Porto. Um de Lisboa. Um de Coimbra. Um de Miranda. Um do Tojal.

Suspensa a numerosa assembleia e mal refeita das emoções, eis que aí vem o Grupo Humorístico com o Zé Pacóvio e o Comilão, e a canção Papagóvio e o Baião com ferrinhos e tambor; e o Manel Bucha a cantar o Gafanhoto e um diálogo mai la Capoeira.

Finalmente, é com a assistência ao rubro que se dá começo ao quadro vivo de uma entrada do rádio na nossa aldeia; e assim se termina a primeira parte.

Torna o pano a correr e fala o Carlos Inácio. Depois dele, entram os distritos do continente português a dizerem quantas casas do Património em cada um. O Porto, escusado era dizer, é que vai muito à frente. Só na cidade contam-se já 64 delas habitadas.

Logo a seguir, temos a enxurrada a dizer ao micro aonde nasceu e come se chama. Os que não sabem de onde são, vão dizer como vieram. A esta altura da festa, são cinco minutos para a meia noite, hora a que aparece no palco a comitiva dos padres da rua a declarar ao público que deixaram suas capas à entrada e que aquela é a única saída...

alívio quer dos vivos quer dos saudosamente recordados. Deste modo aqui foram entregues 20 e cem e 30 e mil para os Pobres e Património, do Assinante 30.394; 100 e 50, para os mesmos destinos, da Av. Almirante Reis; 500 de São Domingos e 70 de Benfica; 100 duma criada; mil de visitantes e 500 e algumas notas mais pequenas de outros visitantes. Para a Conferência 50. Milho e batatas do Tojal, no valor 600. Da Av. da Liberdade 100; Doces de Buce-las e do Tojal e de Lisboa no Montepio. E mais depósitos no mesmo local. Também roupas usadas e calçado e revistas. Mó-bilia e louças que fazem muito jeito nas casas do Património. Um divan de Alhandra. Duas prestações de dois jovens quai-quer tanto mais admiráveis quanto mais duro é seu labutar. «Cheios de fé lutamos desesperadamente confiados no Único que pode.» Pode e quer valer! 1.100 da Escola Nuno Gonçalves. Vai tendo foros de cidade a visita anual daquela Escola a esta Casa. É sempre um dia bem passado. Para eles é um dia de sol do campo, com jogos a fartar e edificante camaradagem.

(Continua na página quatro)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Ontem estive em Vila Nova de Famalicão às missas das onze e do meio dia. Para uma obra nova só processos novos. Os padres da rua que deram o *Património* à

vá ela mes no fazer o caldo e comer com seu marido e filhos no lume da sua casa. Não vai tardar. No final das missas, aparecem grupos de vicentinos e sacerdotes



A Barraca de Vila Nova de Famalicão, está aqui a pregar aos da terra.

paróquia, andam por todas elas a pedir ao povo que compreenda e aceite e ajude o pároco e vicentinos. E eles, os padressá rua? Quem lhes pagao tempo e as solas? Este é o processo novo. Tão fora do uso que muita gente não acredita: *eles não andam de graça.*

Os vicentinos de Famalicão já construíram quatro moradias, mas estão determinados e vão erguer mais. Elas são precisas. Tivemos ocasião e num instante fomos dar uma volta pelos pobres que eles visitam. Vem a fotografia da barraca de um deles. É feita de tonas de eucalipto. Tem um metro de largura por dois de comprimento. O espaço foi tirado a um caminho público. Vive ali o pai e quatro filhos. A mãe não, porque não cabel Trabalha e dorme no açougue da vila. Tendo eu descoberto a panela que estava ao lume, vejo no fundo uma posta de gordura ainda a or derreter. *É gordura que a mulher mania do talho pró nosso caldo.* De onde se infere que a mãe exilada está com o seu marido e com os seus filhos. Não vi lugar para roupas nem outras que não fossem as que traziam no corpo. Perguntando ao homem como se abriga do frio, ele responde que junto ao corpo dos filhos. E como da chuva, ele disse da mesma sorte. Continuo e soube que ele é caiador e que vai quando o chamam. Esmagado pelo peso de um tal abandono, pergunto ao caiador porque não tenta uma casa alugada. *É preciso um fiador.* Sabemos que o não têm. A barraca assim o diz.

Este foi o assunto do altar. Muitos pregadores estão hoje a perder o medo e começam a falar como *naquele tempo*. Foi o assunto, sim. A separação forçada daqueles dois casados, constituiu uma condenação aberta e permanente a todas as obras que ali se venham a fazer enquanto se não fizer uma casa para eles. E assim vai acontecer. A igreja estava cheia. A notícia andou. Os ouvintes interrogam-se. A dor começa. A consciência acusa. Deus existe. Não leva muito que esta mãe heroica em vez de mandar o adubo,

de freguesias próximas da vila. Querem plantas e estatutos. São os tocados. Vão na avalanche Resistem à força da inércia. Amam. Eis.

Um médico do Porto, tocado, não teve com cerimónias e mandou fazer uma casa em Magueija, talvez sua ter-a natal, aonde abrigou mãe e filha—*as mais necessitadas na localidade.*

«Desejando contribuir com o meu quinhão para a obra profundamente cristã por si idealizada—o «Património dos Pobres»—mandei construir uma casa em

Magueija—próximo de Lamego onde já estão instaladas duas pobres mulheres, mãe e filha, as mais necessitadas na localidade.

Aguardo que me diga o que devo fazer para que a casita fique integrada no «Património dos Pobres.»

Pároco da freguesia já recebeu instruções de como há-de implantar a Obra e quer também fazer casas. Quem será este médico? Ainda que mais ninguém. Deus sim; Deus conhece-o e isso basta. Ora como os médicos gostam muito de receitar, também nós hoje: mandar fazer uma casinha na sua terra natal. Vamos a ver quem toma.

O actual pároco de Cete, à hora da missa, prega e vai igreja abaixo pedir ao seu povo. Temos casas em Cete. Porquê? Por causa do altar. Casas para pobres são feitas no altar. É o pároco da freguesia. Nem engrenagem do E tado nem poder do capital. Nada. Isso não presta. Deus abomina. Há-de ser a dor do pároco transmitida aos seus.



A casa que o senhor doutor João de Almeida mandou fazer, está aqui a pregar aos médicos.

AGORA

Ora os senhores façam o obséquio de se afastar e ver a modéstia quase apagada deste *Casal Feliz* que leva hoje na mão a quarta e última prestação da sua casa. Já temos a placa. Depois se dirá aonde a casa. Vem lá o primeiro filho, para que mais unidos e mais felizes. Ele é um engenheiro. Deixem passar. A Maria Helena de Lisboa vai aqui com 870\$. Ao lado vai a Iria com 50\$. Do Porto temos o Eduardo com 200\$. E agora, juntinho a este vai o herói que não fuma, ou melhor, fuma 20\$ a menos e leva-os aqui. Ao lado vai uma assinante de Lisboa com 500\$. Vai passar S.^{to} Tirso, aonde um engenheiro civil aparece com 50\$ para uma pedra da primeira casa dos engenheiros. Mais 500\$. Vai aqui uma professora de Gouveia com 100\$ na mão a dizer que muito gostaria de ver em seus dias a casa do Professor. Vai a mãe do Zé António com 50\$. Ora vá a gente saber quem é a mãe do Zé António? O que estas procissões têm de mais singular é isto de irem muitos nela, não saberem uns dos outros, nem darem com os nomes de cada um. É a procissão do silêncio... Activo. Vejam a rua das Trinas com telhas de 20\$ cada uma. Mais uma afastadela. Houve alguém que se lembrou de sufragar a alma de sua mãe com uma casa para um pobre—e aqui temos uma dúzia de contos. Tenho lido e sabido que outros assim têm feito. Não sei quem foi o primeiro, sim, mas original ou cópia, o mérito é igual. Oxalá que todos os que podem sigam este caminho e comecem a levantar à memória dos seus mortos, monumentos necessários aos vivos. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 500\$ do Porto, a minha primeira prestação. A Maria Fernanda leva uma telha de 50\$ e a Maria Diniz 150\$. Mais espaço por favor. É o Alberto de Gaia; o do plano decenal. Ele já sabe que vai viver dez anos e que vai dispor todos os meses do dinheirinho. Ele sabe e espera e acredita. Um homem de raciocínio! Mais de Moçamedes 5 contos para o Calvário. Não se admirem se nós incorporamos aqui os devotos do Calvário, pois que é tudo Obra do Património dos Pobres. Eu não queria incomodar ninguém, mas não posso. Tenho de chamar a atenção para este casal, cuja esposa e mãe vai à saca das economias domésticas e tira o preciso para a Casa do Sagrado Coração de Jesus. Não se diz que é para um pobre, mas nós sabemos a doutrina; o Sagrado Coração de Jesus toma como feito a Si mesmo o bem ou o mal que fazemos aos outros. Não sei se é a mesma, o Ribatejo é muito grande, mas vai agora uma Ribatejana licenciada com 50\$ para a casa dos licenciados e outro tanto para a casa das Marias. Na minha opinião e pela prática que vou tendo, parece-me bem que a casa de uns e de outros, vêm a ficar nos peitoris! Mais 50\$ de Viseu. Mais de S. Tomé dois licenciados com 50\$ cada um para a casa deles. Mais a Emília de Belas com 100\$ para a casa dos Professores. A casa Diniz da Beira está quase no fim. As remessas vêm vindo à razão de 1.500\$. Da Irene de Castro Daire, 50\$. Para a Casa dos Médicos temos aqui 1.000\$ de Lisboa. Também vai muito arrastadinha a Casa dos Médicos.

Na maré do recolher desta,
(Continua na quarta página)

DOUTRINA

Quando foi da palestra na Sociedade de Geografia, como fecho do feliz movimento a que os estudantes se deram, um deles sobe e declara que já tem materiais para construir duas casas do Património, perto da nossa do Tojal e que esta vai ser a ocupação de muitos estudantes nas próximas férias. Eles os artistas dos caboucos ao telhado. Eles e mais ninguém. Os homens futuros do Terreiro do Paço, em pleno vigor de vida e escolha de acção, afirmam hoje com obras aquilo mesmo que amanhã podem pôr em decretos. Quer dizer, o problema da habitação aflige estes rapazes da Universidade de Lisboa. Tanto mais valor tem esta aflicção quanto é certo viver cada um em casas aonde nada falta. Mas eles choram. Choram com os que choram e esta é a marca. Sem estas lágrimas não pode haver caridade. Estamos pois assistindo ao esforço de toda a gente para resolvermos o caso dos Sem Abrigo. Immediatamente a este devemos prestar atenção à casa do trabalhador rural. Nada mais construtivo do que induzir e facilitar cada um a construir a sua casa com o auxílio dos seus colegas. Cada um a sua e segundo a sua

categoria. É uma ambição natural. Este auxílio mútuo prestado enquanto a casinha se ergue, é o laço de amizade que vai prender famílias pela vida fora. Pedreiro e carpinteiro e jornaleiro dão-se as mãos. Os vizinhos mais remediados, também dão do que têm em sua casa e aqui temos barreiras de boa vizinhança. Não há nada mais doce nem mais cristão nem mais construtivo. A renda é o espectro desta classe de povo. Não se conhece nada mais triste do que chegar ao fim do mês, tirar dinheiro para despesas e ele falta. Não dá. Como pode o trabalhador começar o dia seguinte? Aonde a coragem? Com que olhos vê ele a família? Que conceito fará de nós? E contudo isto é o brutal estado de coisas. Ninguém age. O jornaleiro não sabe nem tem forças para agir. Cai no chão.

Com esta mesma epígrafe tratámos nós em o número derradeiro do que aconteceu a sete trabalhadores que se juntaram e deram-se as mãos para construir suas casinhas e das dificuldades legais que encontraram no caminho. Tantas que todos desistiriam se não fora a nossa presença com dinheiro do «Património.»

PELAS CASAS DO GAIATO UM DESABAFO

PAÇO DE SOUSA No próximo dia 2 de Junho, como está combinado, iremos ao Coliseu fazer uma festa rija.

Vai o orfeão com o Sejaquim, os das oficinas, os das casas, os da lenha, os do campo, os tecelões.

Vai o Carças refetoreiro, o Manel Bucha, o Zé Nabo, Zé Grelo, o Relbas, o Esticadinho, etc., etc.

Vai ser uma festa de peso. Para isso, tem o Sejaquim ensaiado o orfeão e o Pai Américo os discursos.

Também não faltarão os grilos, que é um regalo ouvi-los cantar. Os senhores podem fazer já as suas encomendas, que os batatas encaregar-se-ão de os ir catar à nossa mata...

Para tudo isto não vai faltar alegria no nosso grupo, nos assistentes e tenho a impressão que as capas dos nossos padres têm de ir em duplicado, para no fim se porem às portas, pois tenho ido várias vezes ao Porto e ouço não sei o quê...

Não me engano pela certa, pois o Porto ainda está ali para o que der e vier!

Venham todos. Parem-se as oficinas e fechem-se as fábricas nesse dia, faça-se feriado. Que ninguém falte! Venha toda a gente: doutores, enfermeiros, engenheiros, funcionários da Câmara, empregados do comércio, os componentes da Voz de "Os Ridículos", com seu director à frente, toda a gente. Até os criados que costumam ficar em casa para a guardar, podem vir, pois nesse dia não há ladrões!

A Casa do Gaiato é uma revolução e está tudo ditol. Os senhores toca a mexer se, se não os bilhetes acabam e ficam a ver navios!

—No mais formoso mês do ano, a nossa aldeia é um cantinho apeteçido por todos: Excursões de escolas, fábricas, vicentinos, liceus, grupos excursionistas.

Não admira, pois todos os cantos são alegria: flores das mais variadas cores, destacando-se, entretanto, as rosas; trepadeiras, as árvores que circundam as nossas avenidas, que tão viçosas estão! É um autêntico paraíso. É por isso que os passarinhos inundam as árvores, fazendo nelas os seus ninhos. Às vezes há alguém que lhe deita a mão, mas para isso...

—Nestes dois últimos domingos o nosso grupo Desportivo defrontou o Ginásio Clube de Arouca; no nosso campo de jogos e no Municipal de Arouca.

No nosso vencemos por quatro bolas a duas e no do nosso adversário perdemos pela marca expressiva de 4-1.

No nosso campo vencemos merecidamente e pelo que dominamos, merecíamos ganhar por maior diferença.

Em Arouca, o nosso grupo apresentou-se desfalcado, mas mesmo assim não merecíamos perder e se isso aconteceu, foi devido ao árbitro, que não conhecia tão pouco as regras do jogo.

O jogo foi bastante ríspido e nós nem sequer conseguimos assentar jogo.

Alinhámos: Fernando Bártolo, Quim, Augusto e Teixeira; Domingos, Nicolau; Semanel, Borges da Silva, Rui, Juvelino e Carlitos.

O jogo não prestou, mas tivemos em compensação um passeio lindo, sendo apenas mau o piso da estrada.

O que mais impressionou a nossa caravana foi o Mosteiro de Santa Mafalda. É de facto imponente. Lá vimos Santa Mafalda descansando serenamente, como o seu aspecto o demonstra, numa urna de vidro, para todo o sempre. Uma grande parte está reservada ao Museu da Arte-Sacra, que não nos cansamos de admirar, onde se vêm também reliquias de Santos.

Noutra está-se a proceder ao restauro, para ser ocupada por irmãos franciscanos.

Não faltam os quadros, escultura e imagens dos mais nobres exemplos da Humanidade.

Foi pena o tempo ser diminuto, mas mesmo assim nos damos por felizes, pois vimos obras primorosas.

—Os nossos irmãos que trabalham no campo, como agora estamos no tempo das sementeiras, não descansam um só bocado: manhãzinha cedo e lá se ouve: Anda ei. Vira amarelol!

São eles de grade e arado em punho, com os bois à frente, que remexem a terra, para que ela, com a benção do Senhor, dê frutos para tapar quatro vezes ao dia, a boca desta grande família.

Parabéns amigos, pela devoção que pões no trabalho, dando assim, exemplo aos mais irmãos. Continuem a trabalhar com ânimo e com alegria como até aqui, pois este é que é o

verdadeiro caminho. Em compensação, as alvéolas abançam o trabalho, beijando as leiras e o cantar dos passarinhos é mais doce e mais pertinho de nós.

—No dia da Santa Cruz, o nosso coro orfeônico, a pedido do Rev. do Pároco, foi à vizinha freguesia de Cete, cantar a missa.

O coro ia bastante desfalcado, pois faltavam bastantes componentes, devido a ser dia de trabalho, fazendo mesmo assim, boa figura.

Ao fim, na residência paroquial, foi servido um copo de água que a malta muito apreciou.

Daniel Borges da Silva

TOJAL Passou mais um aniversário do Sr. Padre Adriano. Em comemoração fizemos uma sessão de teatro. Constatou de um discurso feito por José Soares, um coro dirigido pelo Américo, duas canções, uma pelo Jorge outra pelo Rocha, uma poesia dita pelo Xabregas, duas comédias que se intitularam "O fotógrafo" e o "Juízo Final". Seguiram-se duas palavras do presidente da J. O. C. da terra, e depois um coro pelos Jôcistas.

Deu-se a palavra ao Sr. prior da freguesia, depois o sr. Pedro, falou em nome de todos.

O José Soares discursou o seguinte:

—Meus superiores e colegas: é um dia especial para nós. Sabeis que nesta data festejamos mais um aniversário do Sr. Padre Adriano. Sabeis também quanto lhe devemos. Por isso é justo que nos lembremos duma maneira especial, por quem tanto por nós se sacrificou. Dirigir uma casa como a nossa não é brincadeira nenhuma, com tantos problemas e dificuldades, a maior parte delas, causadas por nós. Nós devemos ser sinceros e obedientes para com o Sr. Padre Adriano e para com os seus representantes. Olhai que Ele precisa da nossa oração. Se não fosse a ajuda e graça de Deus, ele já não estava a aturar as nossas birras. Por isso é preciso que todos nós evitemos criar desgostos e aborrecimentos.

E será esta a nossa prenda de anos. Saudamo-lo com alma e alegria. Viva o Sr. Padre Adriano! Viva!

—Neste mesmo dia foram entregues no lugar de Pintéis, duas casas do «Património dos Pobres».

Temos actualmente pobres da nossa Conferência em casas do Património. O último que foi recolhido vivia numa casa muito velha, em ruínas. Não tinha louça alguma. O tacho que tinha servia para lavar a casa e para fazer o caldo e cozer as favas e as batatas. Lençóis nem vê-los. De comer passava muito mal; bebia um caldo frio sem tempero nenhum. Comia nozes quando lá lhe aparecia. A família dele eram 4 galinhas. Agora tem uma casa com tudo que é preciso. Como se sente feliz assim viver e feliz se sente também quem mandou dinheiro para a fazer.

—A propósito lembro que a nossa Conferência tem agora muitos encargos. O ano passado ficou com um deficit de 3 contos e este ano já vai pelo mesmo caminho. Muito agradecemos os 50\$ e 20\$ que nos têm mandado.

Também estamos a precisar muito de pneus usados. Sem eles gastamos muita sola, que fica muito cara.

Joaquim A. Gouveia Marques

MIRANDA DO CORVO Foi no dia 16 de Abril que se lançou a primeira pedra das nossas futuras oficinas. Como não podia deixar de ser, começamos por ouvir a Santa Missa, onde pedimos o auxílio de Deus. Em seguida dirigimo-nos para junto donde hão-de ficar as oficinas, e aí se procedeu ao lançamento da primeira pedra. Quando a pedra caía para dentro do alicerce o Senhor Padre Horácio deitava foguetes, e o «Piloto» ladrava furiosamente em volta dele.

—Também algumas destas casas estiveram presentes em Fátima a assistir ao Congresso Nacional da Juventude Operária. Ali passámos horas de verdadeira e sã alegria, daquela alegria que faz elevar os nossos corações até Deus agradecendo-lhe aqueles momentos da nossa vida. Há noite houve a procissão das velas. Espectáculo deslumbrante. Todos cantavam e rezavam sem vergonhas mundanas. Todos unidos ao mesmo ideal pediam a Nossa Senhora que por seu intermédio pedisse a seu amado Filho que fizesse penetrar no coração jôcista o amor a Deus. Enquanto lá estivemos fomos visitar os pais dos videntes de Fátima. O Tio Marto já muito velhinho embora estivesse muito aborrecido deixou-se fotografar junto de nós. Visitámos os Valinhos e a Loca onde apareceu o Anjo Custódio de Portugal. Viemos de lá com o firme propósito de sermos melhores daqui para o futuro.

—Na última vez que escrevi para «O Gaiato»azia eu o apelo aos leitores a ver se podiam mandar alguns pneus. Logo eles começaram a chegar de alguns lados. Ainda agora venho agradecer, embora já seja tarde, ao Senhor Arménio Salgado, director da Sociedade de Vinhos do Porto que teve a gentileza de nos enviar dois. Uma Senhora de Parede enviou-nos também alguns. Da Covilhã

O Daniel já tocou o assunto, de passagem, em uma das suas crónicas. Tocou-o com muito especial autoridade, por vir de quem vinha um tal reparo.

O assunto é a decadência do ambiente, tacitamente consentida por quase todos, em virtude do cultivo do pornográfico e do desmiolado.

É o cinema, a revista, a rádio, o desporto — tudo valores positivos, mas adulterados por um gosto baixo, quando não mesmo sujo.

Frequentemente, caço por afervos de canções, vendidos nas ruas. Uns, explicitamente maus; outros equivocados — ainda mais perigosos; outros, dir-se-iam escritos por dementes, tal a falta de um sentido.

Eu, quase me insurjo mais contra estes últimos. Eles vão direito àquilo que no homem saudável ainda é apelo à beleza, e deformam, envenenam o gosto na raça, e preparam-no para aceitar, e até

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR
TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

vieram também alguns. A todos estes senhores o nosso sincero reconhecimento. O Sr. Dr. Marques desta vila deu-me também um sobretudo e aqui lhe fico muito agradecido.

José Roque Crisanto

A venda do Jornal na Beira Baixa

Já há muito tempo que não escrevo nada para o nosso *Famoso* sobre a venda na Beira-Baixa.

Hoje vou dizer alguma coisa.

Partimos sempre na Sexta-feira de manhã cedo de Miranda e tomamos na Lousã a camioneta da Viação da Beira até Castelo Branco. Esta companhia ofereceu-nos dois passes. O nosso muito obrigado.

De tarde e à noite vendemos em Castelo Branco. Nesta cidade anda tudo um pouco fraco e não sabemos porquê. Talvez por causa do ciclone que deitou abaixo parte da cidade ou então por ali andarmos pouco tempo a vender! Mas todos são muito nossos amigos e sobretudo as pessoas aonde comemos e aonde dormimos. Já lá vendemos 540 e agora não passa dos 250. Mas as coisas hão-de melhorar, pois o nosso Pai Américo diz que ali há muito boa gente e todos muito nossos amigos. Vamos a ver.

No sábado de manhã partimos na Empresa do Zêzere para a Covilhã. E nestas camionetas temos de pagar bilhete e lá se vai o nosso dinheirinho da gorjeta. E se estes Senhores nos oferecessem também dois passes? Então é que era bom!

Chegamos à Covilhã na hora do mercado. Aqui já conseguimos uma margem boa, pois nós que queríamos nesta cidade 500 já podemos dizer bem alto que já conseguimos 750 e agora já pedimos 1.000; e não é muito, pois a Covilhã é, sem dúvida alguma, uma das cidades mais ricas do país, mas por isso também sabem corresponder muito bem.

E agora já que estamos a dizer bem desta cidade eu queria lembrar outra coisa: era o *Património* que nesta cidade anda em grande fogo, mas é preciso terreno; se por acaso algum leitor do nosso jornal quisesse oferecer quanto mais não fosse para uma casa a ver se o fogo se atiga melhor!

Na segunda-feira vimos para o Fundão. Já dissemos que é uma vila das mais encantadoras do nosso país. E na venda vai a aguentar-se com Castelo Branco. Neste mesmo dia à tarde regressamos a esta última cidade, onde dormimos e no dia seguinte de manhãzinha tomamos novamente a camioneta da Viação da Beira até à Lousã e ficamos ali a vender. A venda na Lousã é das que nós gostamos mais. Vendemos uma média de 170 jornais e dão-nos também muitas coisas e brincadeiras.

Também agora nos têm dado trabalho para a nossa tipografia e muitos têm pago a assinatura. Nós cá damos conta de todos os recados.

José Dionísio Figueiredo

preferir, o reles acima do belo e do construtivo.

Se do impresso, formos ao transmitido, na mesma. São disparates, uns atrás de outros. A própria apresentação dos números revela notável ausência de imaginação e de consciência dessa falta, porque nem ao menos é de uso a sobriedade.

Se se trata de espectáculos, o criatório da mediocridade é ainda o vencedor. Qualquer coisa que divirta, que distraia «epidemicamente», que desperte riso alvar ou o sentimentalismo mais irracional. E é isto que é forçado às mãos cheias. Isto que influencia as maiorias, criando nelas o hábito do mau gosto, que é um pecado contra a natureza.

Ora eu queixo-me e tenho razões para isso. Estão-nos entregues 190 rapazes que devo ajudar a fazer homens e cristãos. Preparar o terreno e semear é a nossa principal missão. E encontramos muitos escolhos a remover. Sendo eles tidos por escória parece que, uma vez trazidos aqui, poderiam receber da sociedade bem constituída um impulso para melhor. Ora isto não se dá. O meio não ajuda. Nós fazemos e o mundo desfaz. É um labor fatigante e improficuo.

Por todo o lado se respira desorientação e inversão dos verdadeiros valores. Um jogador de futebol é mais importante e ganha mais que um ministro do Estado. Um árbitro da elegância decreta modas que tornam difícil a distinção dos sexos. O jornal ou colecção de anedotas, que senão pior, não têm graça nenhuma, sobreleva o verdadeiro humorismo, quase sempre dotado com fino sentido crítico, que faz pensar sorrindo.

Aquelas manifestações de beleza que os séculos passaram, e alguns «caturras» deste século declararam os melhores frutos do espírito humano, são julgadas coisas de somenos pela grande massa, sobretudo a juventude. Este é o ar que vem cá de fora e nós, sôzinhos, não podemos purificar. Esta purificação é um trabalho de educação nacional.

Em boa hora chegou a inquietação dos Dirigentes da Campanha contra o Analfabetismo os quais, enquanto ensinam a ler, também produzem obras de fundo moral para serem lidas. É o complemento directo da sua acção no mundo dos até aqui analfabetos.

Ora nós temos 190 rapazes ao nosso cuidado. Queremos que eles sejam bons cristãos. Precisamos primeiro que eles sejam perfeitamente homens. Sendo eles tidos por escória, a verdade é que da sociedade bem constituída lhes não vem salutar influência. Por isso recorro aos responsáveis pela Educação Nacional e peço que não parem o seu esforço na instrução do povo. Educação é mais. E, havendo uma censura, que lhe não doa as mãos de combater a mediocridade, nem a consciência de impedir a verdade.

P. Carlos

COLISEU!

Realiza-se no dia 2 de Junho no Coliseu do Porto a nossa festa anual. Quem quiser ver o bom e o bonito, feche a porta da rua e venha.

COLISEU!

Bilhetes à venda: — Dias úteis, no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; todos os dias, nas bilheteiras do Coliseu do Porto.

UMA CARTA

«Fiz ontem anos. Para o almoço melhorado, por vontade de minha mulher—não convidei ninguém de fora. Ninguém. Só um rapazinho do Lar do Gaiato aluno connosco.

Uns dias antes, um telefonema para o Lar resolveu tudo. Fui esperá-lo à Estação Nova, pois vivo em Bencanta, na Escola Agrícola.

Era o Joaquim Matos, o *Zé dos Ovos* como lhe chamam.

A tiracolo, a saca dos jornais, que... *time is money*. Fez bem trazer o «Famoso», pois vendeu alguns.

Depois do almoço, fui mostrar-lhe a Escola. Viu e gostou. As vacas, as vitelhas, os cavalos, os porcos, as galinhas, os pintos... os ovos na chocadira eléctrica... Ele viu. Sim, viu com os olhos e as mãos. Viu e até ouviu os pintos piar dentro da casca. Visita sem método pois por aqui é que devia ter começado. Ovos, pintos, galinhas. Mas... o que apareceu primeiro: o ovo ou a galinha?

Viu os bichos da seda, pequeninos, a sair da «semente». Também ele quis bichos. «Eu arranjo folhas». E lá levou alguns ovos, embrulhados num papel, no bolso de fora do casaco, para não nascerem com o calor do corpo.

Ele viu tudo e gostou. E eu, muito mais. Eu vi o valor da Obra da Rua, vi como se transformam garotos sem eira nem beira. Os brilhantes, antes de lapidados, também não têm brilho. São quase mesquinhas areias.

Ele, o *Zé dos Ovos*, contou-me a sua história. Sem pai nem mãe, entrou na Casa do Gaiato de Miranã, há 8 anos. Hoje tem 14.

Quer ver se os demais rapazes do Lar de Coimbra vêm ver tanta coisa que ele não conhecia.

Ele viu... e quer que os outros vejam.

Comeu bolos, levou bolos.

O meu dia de aros, com a sua presença, foi melhor passado. Deixou-me ótima impressão. Graças a Deus.

Aqui temos uma carta cheia de verdade. Consideremos primeiramente a festa de anos num lar feliz, aonde se vê em tudo a ordem tendo sido, até, o almoço melhorado por vontade de minha mulher. A ordem está justamente nisto; manda aonde lhe compete. O dia de anos é diferente. É o melhor do ano. A mesa é o melhor sítio por isso, — *almoço melhorado*. Depois, a visita que esta família escolheu como hóspede do dia e a maneira com que o trataram. E finalmente, a descrição tão simples e tão perfeita, que parece-nos ver as coisas através da letra. É um rapaz do Lar de Coimbra. Se fora do Porto ou de Lisboa, seria na mesma. Não se nota diferença entre os rapazes das nossas casas, sendo que todo diferem dos de casas congêneres. De onde vem isto? Não se pode afirmar que seja o meu toque pessoal; eu nem sequer o conheço. Não conheço o *Zé dos Ovos*. Tão pouco influência pessoal de qualquer padre da rua, pelo número de rapazes de todas as casas. Então quê? Nada. É o próprio. É o próprio rapaz que tem tudo dentro de si. Em vez de se admi-

rar o à vontade de cada um admiremo-nos antes de como tal não acontece com outros da mesma idade, que vivem nas chamadas casas de educação. Isto sim. Admirar e lastimar. Lastimar o que eles sofrem, por não se permitir que cada um seja tal qual. A nosso ver anda tudo errado. Quantos desastres pela vida fora? Que deles não sofrem hoje, por não terem sido amados naquela idade e naquele sítio? Até em casa da própria família. De que lhes valeu a disciplina da infância, a rigidez paternal e outras palavras feias, que metem medo ao educando? O *Zé dos Ovos*, encheu-se naquela tarde e vai dar muito que falar através desta notícia. Pode ver e apalpar e perguntar. Quis bichos. Aceitou bolos. Usou os seus direitos. Sabe muito bem até onde pode chegar, — e adiante não passa.

VISTAS DE DENTRO

Nós somos uma pequenina democracia familiar. Somo-lo não só por necessidade mas por natureza. Obra de rapazes, para eles, por eles—já de si este dístico é uma definição. Sendo o rapaz a nossa finalidade, ele é também o meio de a atingir. Formamo-lo na acção. Aquele conceito ultrapassado de aperfeiçoamento individual, efectuado em compartimentos estan-

«VIAGENS»

O livro já deve andar nas mãos das primeiras letras do alfabeto. Nunca tanto necessitamos nem tanta descendência pedimos, como por esta primeira remessa. É o coser. Aquilo é do por. *Avósinha* foi para a tropa. *Malaia* empregou-se. *Zé da Lenha* idem. O *Tino* meteu a mão numa máquina e anda com ela ao peito. *Papagaio* andou à trolha com o *Zé da Arouca* e levou a pior. O Candido fez uma grande negra no hóquei e está de cama. Resultado? A miudagem; a gente do *Sejaquim* a coser. Só visto!

AGORA

Cont. da segunda página

aparece um do Porto que não pode esperar por outra. Ora arrumem-se:

«Hoje dia da Santa Cruz envio a primeira prestação para uma casa que pode ser baptizada com o nome do dia de hoje, ou seja, de Santa Cruz.

Peço uma oração por quem passou a vida a cometer terríveis pecados e deseja não voltar a cair.»

Não torna. Porquê! Por amor da Santa Cruz. Como gosto deste nome e desta casa que vai ser e do pecador que a oferece! Tão certo estou de tudo, que vamos já mandar fazer a placa: Casa de Santa Cruz. Oh nome!

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

A abri registamos uma carta de Alice Prates: 40\$00 por alma de meus pais e do Sr. Arcebispo de Évora. Feliz lembrança! A propósito saibam todos que o Senhor Arcebispo foi um grande Amigo dos Pobres. Tanto, que levou para Deus o coração quente do Fogo do «Património». A construção de casas para indigentes em todas as terras do arcebispado não seria uma das maiores homenagens à Memória do saudoso Prelado? Armando Afonso, do Porto, 40\$00. Vila Fernando, Alentejo, 10\$00. Pela alma de Alexandre Vidal Pinheiro, 20\$00 para os pobres da Conferência. Maria da Conceição Fergues Sequeira, 10\$00 pedindo uma oração pelas suas intenções. Assinante 5.325, 50\$00. Idem 5.124, o mesmo. Do Rio de Janeiro, Oscar César Matos, destina as sobras do pagamento da assinatura a livros para os nossos pobres—50\$00. Por via do câmbio —o que é a moeda e num país novo, a desaprochar!—não ousamos

pedir cruzeiros. Porém, se mais algum português em terras de Santa Cruz quiser enfileirar nesta pequena procissão, faça favor; tem as portas abertas. Estávamos a escrever este pequenino arrazoado e eis que se apresenta a assinante 23.073, também do Rio: o que sobra é para a Conferência da Aldeia—50\$00. Maria Teresa, de algures, 20\$00. Temos agora *Uma Mãe atribulada*, de Barcelos com 20\$ e a dizer: parece que os assinantes do «Famoso» estão a organizar-se em procissão para a Conferência e eu embora com o mais modesto contributo não quero deixar de enfileirar. Como a gente gosta destas Mães! O cliente da nossa tipografia, Cândido Augusto Morais, vai com 18\$00. A Senhora A. F., do Porto, 20\$00. O costumeiro pedacinho de papel branco e a legenda—*Para a Conferência da assinante 17.022* Que pe sistencial Para acabar o dia, José Bicalar do Porto, 70\$00. Os nossos agradecimentos.

Júlio Mendes

ques, não cabe na Casa do Gaiato. Se o rapaz tem qualidades humanas, embora misturadas com graves defeitos, ele tem oportunidade, em processos como o nosso, onde a personalidade de cada um não é sufocada, tem oportunidade—dizia—de desfazer os vícios na medida em que descobre neles tropeços para desenvolver as virtudes que começam a interessá-lo.

Como o homem normal é social, as virtudes e defeitos que implicam na vida de relação aparecem mais depressa ao limiar da consciência. E, no conhecimento dos caracteres alheios ele conhece-se melhor. Basta ser generoso e humanamente bem dotado, saudavelmente insatisfeito, para que desse conhecimento de si próprio o rapaz se determine à acção.

Acção primeiro sobre si mesmo. Mas, realmente, ao mesmo tempo que sobre si mesmo, também sobre os companheiros.

Afinal o nosso sistema filia-se perfeitamente no método da Acção Católica: conquistar o meio pelo próprio meio. Este facto alegrar-nos e descansar-nos, porque não é a novidade o que nos tenta. Antes o nosso desejo é em tudo e por tudo reforçar amarras que prendam a obra à Santa Igreja, sua Mãe. Somos, pois, peça integrada num movimento universal. A nossa novidade está em se ter rompido com métodos passivos, tradicionais em obras de assistência, e termos posto o ideal além do dar de comer e ofício; termo-lo posto na conquista para Cristo destes rapazes.

Dai a nossa organização caseiramente democrática: Chefes escolhidos de entre a massa, por um critério semelhante ao da escolha dos militantes jocosistas. Digo semelhança, não identidade. É que os nossos chefes têm uma missão de governo e disciplina que os militantes não têm, pelo menos enquanto tais. Isto torna-lhes a missão ainda mais difícil e muitas vezes mal compreendida.

Tanto em Acção Católica como entre nós, há um perigo que pode sabotar toda a eficácia da influen-

cia espiritual: é a formação de uma aristocracia.

E digo perigo, porque sendo o chefe um escolhido, escolha significa elevação. Esta é indispensável, mas não pode transferir o eleito do seu para um meio superior. Nesse momento, o chefe (como o militante) perdeu a confiança fraterna da massa e fora do plano fraternal pode haver muito boas acções, mas não há acção católica no sentido que Pio XI lhe deu.

Esta elevação tem de ser, pois, um movimento elástico, que destaque sem desprender do meio.

Este princípio é absolutamente de cumprir: porém, entre nós especialmente, difícil de observar. Dai falar em perigo. Dai uma falsa aparência que às vezes, pode gerar incompreensão e hostilidade.

Contudo, se o perigo é decididamente prevenido, em verdade, não existe. Após algum tempo, a acção do chefe há-de notar-se. Só a má vontade poderá resistir.

Padre Carlos

Aqui, Lisboa!

Continuação da primeira página

Os Mestres tomam parte e estão atentos. São educadores. Os nossos Rapazes que frequentam as suas aulas dão testemunho. O donatário é um índice. Podem continuar a vir.

Outra visita crónica é a do Centro N. da M. P., do Liceu M. Amália. A merenda que costumam vir distribuir é falada com muitos dias de antecedência. Anda por lá uma casa a correr. É preciso que estes Centros modelos, sejam imitados. Toda a educação que não der primazia à formação do coração pela Caridade para com o próximo, é falhada.

Finalmente uns dias de glória para o Jacinto, *torreiro*, pela capa que lhe foi prometida por uns senhores, para tourear o carneiro. Já não fala noutra coisa. Que pena não termos um registador de som e uma máquina de filmar!

PADRE ADRIANO